

# SEXUALIDADE NA INFÂNCIA<sup>1</sup>

MANGOLD, Maritânia

flogdamari@yahoo.com.br

MUNARETTO, Dirlene

didimunaretto@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Tainara Aline

tainarapdg@yahoo.com.br

OLIVEIRA, Vanderléia

vanderleiapedagoga@yahoo.com.br<sup>2</sup>

FURLAN, Samira El Haje<sup>3</sup> e ZOTTI, Solange<sup>4</sup>

Universidade do Contestado – Unc / Concórdia

## Resumo

O presente trabalho deseja evidenciar como professoras, graduadas ou não, percebem a necessidade de trabalhar a sexualidade infantil em algumas das instituições de Educação Infantil do município de Concórdia. Buscou-se fundamentação teórica para sua elaboração, além disso, foi pesquisado qual é a percepção que as educadoras da educação infantil têm sobre sexualidade. Identificaram-se as dificuldades encontradas cotidianamente das educadoras, seja em âmbito escolar ou social. Destaca-se que foi levado em conta o aspecto histórico da educação municipal de Concórdia, que consideramos relevante para a compreensão do papel pedagógico das questões da sexualidade no processo educacional. Quanto à instituição de educação infantil defende-se que esta deve tornar-se acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, pois é elemento da cultura que enriquece o seu desenvolvimento e inserção social. A instituição de educação infantil cumpre um papel socializador, proporcionando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. A sexualidade remete a criança ao aprendizado sobre o seu corpo, sobre as particularidades de sua sexualidade e gênero; do mesmo modo que aprende a falar, andar e comer, marcando profundamente sua vida e, construindo assim sua própria identidade. A sexualidade é parte integral da personalidade de todo ser humano, e seu desenvolvimento pleno depende da satisfação de necessidades básicas como o desejo de contato, intimidades, expressões emocionais, prazer, ternura e amor. Ela é construída através da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais, o desenvolvimento pleno da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social (CARNEIL apud VYGOTSKY, et al 1990). É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais e, conseqüentemente, a educação do indivíduo (CARNEIL apud RIBEIRO, et al 1990). Diante do exposto, destaca-se a importância da família na construção da vida sexual da criança, que pode e deve, de maneira amigável e natural, gerar segurança facilitando o encontro da identidade pessoal. A nós educadores, cabe proporcionar

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no decorrer das disciplinas de Educação para a Saúde e Sexualidade e Filosofia da Educação

<sup>2</sup> Acadêmicas da 5ª fase do Curso de Pedagogia da Universidade do Contestado - UnC-Concórdia.

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Educação para a Saúde e Sexualidade e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade do Contestado - UnC-Concórdia, mestre em Ciência da Saúde Humana.

<sup>4</sup> Professora da disciplina de Filosofia da Educação e Vice Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade do Contestado - UnC-Concórdia, mestre em Educação pela Unicamp e Doutoranda em educação na Unicamp.

momentos de reflexão, a fim de pensar o contexto social, abrindo novos caminhos para entender o ser humano e suas relações sociais. Dessa forma, é primordial a valorização da essência do ser, onde as diferenças nos tornam únicos e especiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade, criança, professor.

### **Resumen**

El presente trabajo desea evidenciar como profesoras, graduadas o no, perciben la necesidad de trabajar la sexualidad infantil en algunas de las instituciones de educación infantil del municipio de Concórdia. Se buscó fundamentos teóricos para su elaboración, además, fue pesquisado cuál es la percepción que las educadoras de educación infantil tienen sobre sexualidad. Se identificaron las dificultades encontradas cotidianamente de las educadoras, sea en ámbito escolar o social. Destacase que fue levado en cuenta el aspecto histórico de la educación municipal de Concórdia, que consideramos relevante para la comprensión del papel pedagógico de las cuestiones de la sexualidad en el proceso educacional. Cuánto a la institución de educación infantil se defiende que ésta debe tornarse accesible a todos los niños y niñas que la frecuentan, indiscriminadamente, pues es elemento de la cultura que enriquece su desenvolvimiento e inserción social. La institución de educación infantil cumple un papel un papel socializador, proporcionando el desenvolvimiento de la identidad de las crianzas, por medio de aprendizajes diversificadas, realizadas en situaciones de interacción. La sexualidad remete los niños y niñas al conocimiento sobre su cuerpo, sobre las particularidades de su sexualidad e género; del mismo modo que aprende a hablar, andar y comer, marcando profundamente su vida y construyendo así su propia identidad. La sexualidad es parte integral de la personalidad de todo ser humano, y su desenvolvimiento pleno depende de la satisfacción de necesidades básicas como lo deseo del contacto, intimidades, expresiones emocionales, placer, ternura y amor. Ella es construida por medio de la interacción entre los individuos y las estructuras sociales, el desenvolvimiento pleno de la sexualidad es esencial para el bienestar individual, interpersonal y social (CARNEIL apud VYGOTSKY, et al 1990). Es la propia evolución de la sociedad que determina los padrones sexuales y consecuentemente, la educación del individuo (CARNEIL apud RIBEIRO, et al 1990). Delante del expuesto, destacase la importancia de la familia en la construcción de la vida sexual de los niños y las niñas, que puede y debe, de manera amistosa y natural, criar seguridad facilitando el encuentro de la identidad personal. Para nosotros, educadores cabe proporcionar momentos de reflexión, con la finalidad de pensar lo contexto social, abriendo nuevos caminos para entender el ser humano y suyas relaciones sociales. Así siendo, es primordial la valorización de la esencia del ser, donde las diferencias los tornan únicos y especiales.

**PALABRAS-LLAVE:** sexualidad, niños, profesor

### **Introdução**

O trabalho apresentado neste artigo tem por objetivo evidenciar como as professoras, graduadas ou não, percebem a necessidade de trabalhar a sexualidade infantil e, qual a percepção que as educadoras de educação infantil têm sobre

sexualidade. Foram pesquisadas algumas das instituições de ensino do município de Concórdia. Onde se percebeu a importância de comparar o passado com os dias atuais, as transformações, e as mudanças envolvendo a sexualidade da educação infantil. Buscou-se fundamentação teórica através da pesquisa, para distinguir a relação e o conhecimento das professoras sobre o assunto.

Articulado a isso, realizamos o resgate histórico-cultural de idéias sobre a sexualidade humana, mormente sobre a orientação/educação sexual, não só para identificação do papel da sexualidade humana no processo ensino-aprendizagem, mas também nas relações de educadoras, educandos (as) e o meio.

Para Guacira Louro, "é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico". (LOURO, apud SABAT, 1997, p. 21.).

Então, desde que o mundo é mundo, a sexualidade é parte essencial da vida do homem. Tem ocupado lugar na mitologia, na filosofia, nas artes, em toda forma de representação e conhecimento humano, inclusive, mais recentemente, nas Ciências.

A análise da evolução histórica e cultural de uma forma dialética permite-nos perceber as diferentes transformações das sociedades humanas do passado e as perspectivas que se abrem para o futuro.

Para França (2005), as pedagogias culturais e suas implicações na constituição das identidades de gênero, de modos de experienciar, sempre foram uma constante ao longo da história, sendo concebida como processo que normatiza e constitui sujeitos.

Sabendo que o ser humano é histórico-cultural, sob essa mesma ótica, é entendido não como um "ente natural" mas como um ser construído historicamente, "nas e pelas" relações sociais que estabelece com os seus semelhantes, na luta pela sobrevivência. Mesmo assim, as funções mais simples, que são ligadas à própria sobrevivência, como se alimentar, dormir, relacionar-se são sempre mediadas pela sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. Neste sentido se considera a sexualidade como um dos aspectos fundamentais da "humanização do homem", não podendo ser reduzida a questões de ordem meramente biológicas.

Uma completa transformação das relações humanas, a começar pelas relações de produção exploradoras e alienantes, fará transformar a dimensão atual da sexualidade humana.

A sexualidade da criança começa no imaginário dos pais, antes mesmo do nascimento. Todos os pais têm expectativas em relação a seus filhos, conscientes ou inconscientemente, e uma destas diz respeito à sexualidade da criança. Esta ao nascer pode corresponder à expectativa ou não e se desenvolverá conforme for a aceitação do sexo da criança pelos pais.

A sexualidade infantil é diferente da sexualidade adulta e inerente a qualquer criança, sua demonstração será particular a cada uma. Para as educadoras cabe conhecê-la respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade.

Várias podem ser as razões que levam os adultos a ter dificuldades em compreender e aceitar as manifestações da sexualidade infantil. Dentre elas, destacamos o próprio processo de educação sexual que, com a maior parte das pessoas, aconteceu de forma repressiva e silenciosa.

Os meios de comunicação, que bombardeiam a população com programas de baixa qualidade, músicas erotizantes e danças de igual quilate, são hoje grandes impasses na educação infantil. As crianças sofrem cada vez mais a influência da TV, de amigos, de parentes, de babás e empregadas, muitas vezes recebendo noções erradas e prejudiciais.

Com a constante exploração da mídia em relação ao sexo, se vê cada vez mais precocemente nas crianças alguns comportamentos que deixam adultos perplexos/as, confusos/as, inseguros/as e, na maioria das vezes não sabem o que fazer, que atitude tomar frente a estas questões.

Cabe, principalmente às educadoras, oferecer um suporte teórico que permita compreender e superar algumas das muitas dificuldades com as quais se defrontam diariamente na prática escolar em relação à sexualidade infantil, bem como se conscientizar das necessidades de se fazer um trabalho de educação sexual na escola de forma intencional oportunizando aos alunos/as uma vivência mais tranquila e sadia da sua sexualidade neste momento de suas vidas e uma possibilidade futura de vivenciá-la com menos tabus, menos preconceitos, maior prazer e também maior responsabilidade.

Em relação aos comportamentos sexuais observados em sala-de-aula como beijos, exploração do corpo do colega, jogos sexuais, as educadoras podem pautar-se sobre os mesmos princípios que usam para outros comportamentos inadequados em aula, ou seja, demonstrar que entendem a curiosidade, mas que a escola é um lugar onde se deve respeitar a vontade dos outros e que estão lá para aprender, brincar, etc.

As educadoras não devem se omitir, ao contrário, devem orientar para brincadeiras e comportamentos adequados, mas sem passar valores morais reprovadores como se a curiosidade fosse algo negativo, "feio" ou pecaminoso.

Por esse motivo, as educadoras entrevistadas em nossa pesquisa, evidenciaram a preocupação que elas têm em trabalhar a sexualidade infantil. Entretanto, há algumas dificuldades que os professores e professoras encontram ao trabalhar sexualidade: faltam, muitas vezes, uma base consistente na formação acadêmica pertinente aos assuntos da sexualidade infantil; os princípios morais ligados à sexualidade ainda estão fortemente impregnados em nossa cultura pelos valores judaico-cristãos, o que faz com que as educadoras sintam-se fragilizadas, diante dessa “nova sexualidade”, que deixa de ser um tabu, porém é algo novo, que não se sabe ainda como trabalhá-la bem.

Educação sexual é o aprendizado automático, constante e inconsciente de atitudes, gestos e idéias que se inicia a partir do nascimento. A contribuição dos estudos de Sigmund Freud (1856-1939) foi decisiva para que hoje reconheçêssemos a existência da sexualidade infantil. As descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil provocaram grande espanto na sexualidade conservadora do final do século XIX, visto que até esta época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado. Ao chegar à Educação Infantil, a criança já traz a socialização elementar e doméstica e muito de seu comportamento frente à sexualidade.

Ao longo dos tempos, a sociedade vem, pouco a pouco, se familiarizando e compreendendo as diferentes formas de expressão da sexualidade infantil.

A sexualidade é o próprio impulso de vida, ou a energia vital, é aquela mola que impulsiona a criança para seu desenvolvimento, é aquela vitalidade comum da criança. O primeiro local, onde esta energia se manifesta, é pela boca. O bebê deve e precisa ser acariciado, ter muito contato corporal.

Devemos namorar o bebê, pois todo contato e estímulos afetivos, que ele recebe, constituirão sua estrutura. Este contato não cabe só a mãe, o pai pode e deve também, pegar o bebê no colo, deve acariciá-lo, deve participar de seu desenvolvimento desde o início, pois é uma figura importante para a formação, da identidade sexual da criança. Isto independente da criança ser menino ou menina. A criança deve ser educada como uma criança e não como um papel sexual. Menino ou Menina devem ser educados sem excessos de diferenciação, pois desta forma, a criança pode aceitar a sua condição sexual naturalmente.

Não devemos nunca reforçar, ou proibir, as atitudes e brincadeiras de uma criança, baseados nas coisas de menino ou de menina, brinquedos exclusivos para menino ou menina, estas diferenciações, só criam expectativas na criança, quanto a um papel sexual, impedindo que ela se desenvolva de uma maneira natural.

Se uma menina brinca com um carrinho ou então chuta uma bola, isto não vai torná-la no futuro, menos mulher ou mais masculina. Se um menino, chora, brinca com uma boneca, ou se utiliza de brinquedos de menina, isto não vai torná-lo menos homem ou afeminado. A criança, quando age desta forma, está apenas reconhecendo, descobrindo, aprendendo, e isto faz parte de seu desenvolvimento natural.

Orientação sexual é o conjunto de esclarecimentos e noções dadas deliberadamente, intencionalmente à criança por outras pessoas, além dos pais.

A sexualidade se apresenta na vida das pessoas de maneira única. Associa-se a idéias e sensações de amor, prazer, afetividade e auto-estima, porém é tratada como um assunto proibido e constrangedor, desenvolvendo-se assim pouca afinidade com a sua própria sexualidade.

A criança aprende sobre o seu corpo sua sexualidade, seu gênero, do mesmo modo que aprende a falar, andar e a comer, elas marcam profundamente suas vidas, construindo assim, sua própria identidade.

Diante disso, a sexualidade não pode ser vista de maneira fragmentada, mas sim construída historicamente, levando em conta modelos e valores de um determinado contexto histórico. A sexualidade é uma das mais profundas das expressões da condição humana. É relevante buscar compreender quais são as visões de sexualidade e educação sexual das educadoras.

Vivemos em uma sociedade em transição, dessa forma surgem novas discussões éticas, políticas e sociais que, como não poderia deixar de ser, interferem diretamente no contexto educacional. Portanto, é de fundamental importância saber que não existem receitas, já que tudo é uma construção social e pessoal, mas certamente podemos dizer que é uma busca de reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal sobre a dimensão da sexualidade infantil, sem distinção de qualquer ordem. Essa reconstrução deve começar dentro de cada um, avançando para o coletivo e não apenas uma reprodução acrítica do que está posto na sociedade.

A sexualidade é uma parte integral da personalidade de todo o ser humano, e seu desenvolvimento pleno depende da satisfação de necessidades básicas como desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, ternura e amor. Ela é construída

através da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais, o desenvolvimento pleno da sexualidade é essencial para o bem estar individual, interpessoal e social.

Será que com a sexualidade não continuamos a fazer o mesmo que nossos avós, pais, mães, professores, usando a mesma forma e simplesmente repetindo costumes repassados com preconceitos, tabus, medos, sem questionarmos se eles servem para a nossa realidade?

Hoje as transformações ocorrem muito rápido, mas o que se refere à sexualidade ainda não conseguimos falar naturalmente. Continuamos repetindo tudo e mesmo assim repetimos os atos sem questioná-los. Não conseguimos deixar de ter preconceitos pois estamos presos ao passado recalcado por valores ultrapassados para a nossa época. Temos que buscar reconstruir as nossas verdades, tudo isso sempre visando uma vida plena, feliz e digna.

Diante do exposto até o momento percebemos a importância da família na construção da vida sexual da criança, que pode e deve de maneira amigável e natural, gerar segurança, facilitando o encontro da identidade pessoal. Paralelo à família, cabe à escola, de forma diferente abordar noções básicas como diferenças, funções, anatomia, procriação e outros, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada criança, porém ela tem o direito de questionar e ver suas dúvidas esclarecidas.

Cabe à escola e ao educador transformar e discutir tabus, crenças, e atitudes existentes na sociedade, de forma que a educadora assuma uma postura ética, respeitando a cultura, os valores e a religião, possibilitando aos educandos e educandas autonomia para eleger seus valores, suas posições e ampliar seu universo de conhecimento.

Apresentamos algumas considerações a respeito do desenvolvimento sexual da criança (1992, *apud* NUNES, 1997, p. 78-80).

Na fase oral, a criança encontra satisfação e prazer na boca, sendo a mesma de curta duração, por volta de um ano.

Na fase anal, a criança sente prazer em produzir as fezes e a urina, por volta de um ano a três anos.

Fase fálica, a descoberta dos órgãos sexuais, acontecendo a manipulação, a qual evidencia prazer, acontece dos três aos seis anos. Fase da latência é caracterizada pela diminuição do impulso sexual, ocorrendo maior ênfase nos aspectos de sociabilidade e descobertas intelectuais, por volta dos seis aos nove. Fase genital inicia por volta dos dez anos marcada por transformações corporais, afetivas, biológicas e sociais.

Segundo Suplicy (1990), a educação sexual na escola, deve colocar o diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através de professores com preparo adequado para desempenhar essa tarefa informativa, onde tem como finalidade transmitir informações biológicas e corretas. Acentuando, o conceito de sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito, a responsabilidade, e ao prazer.

Na infância, a orientação sexual não é feita de forma sistematizada, pois a criança fala e mostra livremente suas dúvidas e sentimentos. A criança sente muita curiosidade na descoberta do corpo se não for trabalhada em casa, ela irá procurar obter estas informações na escola ou em lugares inadequados.

Nesta fase, cabe às professoras sanar esta curiosidade, trabalhando com bonecos, onde irá nomear as partes do corpo destacando o sexo, o crescimento e as mudanças corporais, deve-se também responder todas as questões com simplicidade, mas corretamente.

Neste momento se a masturbação ocorrer em sala de aula as educadoras precisam explicar com carinho e calmamente para criança que aquela atitude não é errada, mas não se deve ter comportamentos assim em lugares públicos devendo ocupá-las com atividades, pois muitas vezes essas crianças possuem os órgãos genitais muito excitáveis e masturbam-se devido a roupas apertadas curiosidade ou carência afetiva.

Diante disso, é necessário compreender que o melhor caminho para superação desses impasses é o diálogo, sem preconceitos, sem discriminação de gênero, de crença, de raças, de diferenças, lembrando sempre que o mais importante é viver a sexualidade sem culpa, sem inibições, mas sim com respeito, com prazer, amor e responsabilidade.

É de fundamental importância falar sempre com linguagem simples e clara, sanando somente as dúvidas questionadas, respeitando a faixa etária da criança, seus conhecimentos e sua individualidade.

Cabe a nós educadoras proporcionar momentos de reflexão a fim de pensar o contexto social, novos caminhos para entender o ser humano e suas relações, é primordial a valorização da essência do ser, onde as diferenças nos tornam únicos e especiais.

Todavia ressaltamos, como educadoras, que a sexualidade merece maior destaque no currículo escolar, sendo um tema adotado por toda a comunidade escolar, vivenciado através das relações internas e externas, visando maior valorização de si próprio e do outro, conseqüentemente a humanização do “ser humano”.

A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo; sexualidade é muito mais do que isso: é energia que motiva encontrar o amor, contato, intimidade, se expressando na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. Influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física e mental. A saúde mental é a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais, de maneira tal, que influencia positivamente a personalidade, a comunicação com outras pessoas e o amor (FURLAN apud BLESSA et al, 1980).

Por fim, pode-se ressaltar, que a sexualidade é uma parte que integra o ser humano, sendo uma necessidade básica do mesmo, que não pode ser separada de outros aspectos da vida.

## **REFERÊNCIAS**

CARNEIL, Inês Bellini; COLOMBO, Marines Fátima. **Diferentes abordagens sobre o trabalho educacional a respeito da sexualidade humana na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.** Concórdia: UnC, 2003.

FORNARI, Fernanda. **A influência da prática pedagógica nas relações e na construção do masculino e do feminino na escola.** Concórdia: UnC, 2005.

FRANÇA, Kelly Bedin. **Corpo, gênero e sexualidade: discussões.** Revista Estudos Feministas: Florianópolis, v. 13, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 Abr 2007.

FURLAN, Samira Abu El Haje. **Sexualidade e educação sexual: um estudo sobre as representações das acadêmicas do curso de pedagogia da UnC – Concórdia.** Concórdia: UnC, 2004.

NICOLLI, Aline Andréia. **Educação da Sexualidade para o Século XXI: concepções, proposições e ações escolares.** Xanxerê: Imprimax, 2001.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papirus, 1987.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas: Autores Associados, 2000.

**Revista Nova Escola**, Edição 191: editora abril, abril de 2006.

SABAT, RUTH. **Cultural pedagogy, gender, and sexuality.** Revista de Estudos Feministas: Florianópolis, v. 9, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 Abr 2007.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu.** São Paulo: FTD, 1990.

\_\_\_\_\_, **Conversando sobre sexo.** 8ª ed. Petrópolis,RJ: Vozes, .